

# TOPOLOGIA E PSICANÁLISE.

Pedro Beranger  
mestrando do HCTE/UFRJ  
[pberanger@gmail.com](mailto:pberanger@gmail.com)

Ricardo Kubrusly  
professor do HCTE/UFRJ  
[risk@ufrj.br](mailto:risk@ufrj.br)

## Texto

### 1.1 O interesse científico da psicanálise e o intercâmbio com outros campos.

O intercâmbio com outras disciplinas é tendência presente desde Freud em *O Interesse Científico da Psicanálise*, 1913. Como não poderia deixar de ser, na mesma direção na obra de Jacques Lacan vemos uma grande aproximação em relação à linguística.

A entrada de Lacan no território psicanalítico parte de um lugar periférico em relação aos fenômenos comumente trabalhados pela psicanálise. Insatisfeito com as hipóteses organicistas e sociológicas com relação à loucura, o então jovem médico encontra na psicanálise um campo mais rico. Porém, seria preciso, também, descontaminar a psicanálise do biológico/ambientalismo proveniente da psiquiatria e da psicologia.

Com a convicção de que as insuficiências desses saberes não eram meramente conceituais e metodológicas, lançou-se à ambição de discutir os fundamentos para, então, dimensionar e estabelecer a natureza do fenômeno de que trata a psicanálise: o inconsciente e o sujeito. Os quais são redefinidos no sintagma *sujeito do inconsciente*.

Trata-se, então, de uma derivação epistemológica, não metodológica, posta à psicanálise. E o terreno epistemológico onde isso se deu foi aquele onde há a articulação da psicanálise com a linguística.

Fazendo notar que qualquer enunciado presume os signos que os expressam, signos que pressupõem uma linguagem estruturada pelo significante, aponta para a anterioridade da linguagem enquanto sistema.

Desta anterioridade da linguagem como sistema que antecede, inclusive, a intenção comunicativa, onde o falante é secundário em relação a ele, Lacan indica que o sujeito é um efeito de linguagem. E, ademais, levanta a hipótese de que o discurso retrata o sujeito, o que se desdobra na famosa fórmula lacaniana: *o significante representa o sujeito para outro significante*.

Segundo Franklin W. Goldgrub, em *A Máquina do Fantasma*, 2001, apoiado nessa anterioridade da língua relacionando-a à primazia lógica do inconsciente em relação à consciência, linguagem e inconsciente passam a ser considerados consubstanciais.

Entretanto, ressaltamos que o que há de instigante na chamada pelo mesmo como fórmula epistemológica essencial segundo a qual *o inconsciente está estruturado como uma linguagem* é a presença ainda discreta do conceito de estrutura, tão caro ao nosso trabalho. Falar em consubstancialidade, a nosso ver, ofusca a ressalva do inconsciente ser estruturado, assim como a linguagem. Além de ser extremamente polêmica a ideia de substancialidade do sujeito que por definição é sem substância.

Se esta fórmula se manteve intacta mesmo quando Lacan se transportou, decidido em enfatizar as diferenças entre a linguística e a psicanálise, da linguística para a topologia foi por conta da relação que ambas possuem segundo o que podemos denominar de estrutura.

## 1.2 Terra prometida? Nova estética transcendental?

Para Goldgrub, é possível contestar o distanciamento da psicanálise e linguística. Arriscando uma hipótese ele supõe que

“(...) Lacan teria temido a anexação da psicanálise pela linguística, na medida em que esta tem por objeto (...) o fenômeno que fornece a base epistemológica de que a psicanálise precisou para desvincilhar-se da suserania biológico/cultural (...)” (ibid, 2001, p.16)

Dessa forma, a topologia constituiria um território ideal onde a desfamiliarização com a psicanálise a protegeria de qualquer pretensão de soberania sobre ela.

Por outro lado, para J.-D. Nasio em *Topologería*, 2007, o recurso à topologia não se trata de uma sofisticação, de um refinamento excessivo. Relaciona-se a “(...) uma nova estética transcendental conforme a experiência, não do sujeito do conhecimento, mas do sujeito do inconsciente.” (Nasio, 2007, p.10)

Ainda com Nasio, ressalta-se que Freud propôs dois mundos reais e ignotos, um exterior e outro interior, ou psíquico. E que, apoiando-se em Kant, considerou que, dos dois, só o real interior teria possibilidades de ser cognoscível.

Contudo, uma dupla observação, como nos aponta o autor, complica esta simples visão de mundos. Em primeiro lugar, se alguém pode apreender o real interno faz por intermédio de um dispositivo exterior. Este dispositivo não é o conceito, o pensamento ou o conhecimento, senão a experiência analítica mesma. Nela, estes dois mundos, aparentemente separados, se interpenetram na forma cruzada de um quiasma.

Por conseguinte, em segundo lugar Freud, no final de sua vida, chegou a conceber de outra maneira a divisão interior-exterior. Admitiu que o aparelho psíquico teria extensão no espaço e que o ele, por sua vez, seria a projeção deste aparato: “O espaço pode ser a projeção da extensão do aparelho psíquico. Nenhuma outra derivação é provável. Em vez dos determinantes *a priori*, de Kant, nosso aparelho psíquico. A psique é estendida; nada sabe a respeito.” (Freud, 1941 [1938], p. 336)

Dessa forma, acreditamos que, longe de ser a terra prometida, a topologia põe em questão a dualidade dos dois reais freudianos para propor um só Real, unívoco, sem divisão e impossível de representar. “(...) Onde o espaço não tem nada a ver com nenhum espaço da intuição, com nenhum espaço da estética no sentido de Kant.” (Miller, 1987 [1980], p.89)

## 1.3 A Topologia no ensino de Lacan.

### 1.3.1 O sentido mortal e o jogo que justifica a estrutura. Os primórdios.

Com Jacques-Alain Miller em *Matemas I*, 1987, temos que a topologia de Lacan está presente desde sua referência à função primordial da morte. O símbolo se manifesta primeiro como a morte da coisa, é o que nos indica Lacan, a partir de Hegel, para propor que a morte está vinculada com a emergência da ordem simbólica.

Disso, podemos deduzir que o símbolo não acompanha as coisas. Que entre ambos não há simpatia e adequação natural e sim, pelo contrário, antinomia. O símbolo eterniza a coisa, permite perdurar além de sua existência e, por exemplo, permite ao sujeito ser objeto de sua referência mais além dos limites de sua existência.

Esta análise “(...) é muito hegeliana, já que o simbólico não é correlativo ao mundo pleno, senão que opera como um esvaziamento de sua substância e da materialidade desse mundo. A materialidade dos símbolos é uma materialidade suplementar, de substituição.” (ibid, p. 80)

Voltando à questão da primazia do simbólico em relação ao falante, já anunciada no tópico 1.1, aqui ela também é fundamental, pois nos indica a inalcançabilidade do sujeito. Salvo no referente à sua morte, à sua mortificação significativa, ele é inalcançável. Ou seja, desde o início, por ser deslocado pelo símbolo, o sujeito sofre uma mortificação que fará dele um sujeito mortificado pelo significante, §.

Porém, como localizar esta morte que pertence ao símbolo e sua relação com o sujeito? Como vimos, admite-se que este sujeito é mortificado pelo significante. O que, por conseguinte, nos leva a julgar que essa morte não é algo que está mais além da vida, mas que, contudo, é uma função instalada no núcleo da experiência da palavra. Dessa forma, devemos diferenciá-la da morte como se apresenta para o animal. É a partir dessa morte presente no sujeito, a qual ocupa um lugar central na palavra, logo, não é meramente periférica, que tudo o que concerne à sua existência adquire seu sentido.

Esta morte é um sentido ao mesmo tempo exterior à linguagem e central no exercício da palavra onde “todos os problemas da topologia de Lacan já estão presentes (...)” (Miller, 1987 [1980], p. 80)

Em outras palavras, há em jogo um paradoxo, um ponto ao mesmo tempo central e exterior, que põe em relevo, estimamos, que a questão do sujeito refere-se ao conceito de estrutura. Nas palavras de Lacan (1978-1979): “Há uma equivalência entre a estrutura e a topologia.” Uma estrutura que funda uma disposição espacial que, longe de ser metafórica, é proposta como tendo o estatuto de real.

Portanto, onde se poderia ver tão somente uma metáfora, Lacan a institui como o que sustenta toda esta questão. Diz que a topologia representa a estrutura até o ponto de propor que é o real mesmo em jogo na experiência.

E mais, o sentido ao mesmo tempo central e exterior da morte também é marca da experiência analítica, onde encontramos em todos os seus níveis essa posição de exclusão interna. Isto surge, sobretudo, na pergunta neurótica, para ilustrar, referida à contingência da existência.

Portanto, a estranha relação entre as palavras e as coisas impulsiona a topologia de Lacan. Como vimos no presente tópico, não há mais adequação do que inadequação entre elas. E crer numa tal oposição deixaria supor que haveria dois mundos distintos que mais ou menos coincidiriam.

#### 1.3.1.1 O círculo e a esfera estão para o animal assim como o anel está para o sujeito do inconsciente.

Em *O Aturdido*, 1972, trazido à luz por Miller, Lacan nos indica uma diferenciação crucial que nos indica que colocar as relações em jogo segundo o plano e a esfera não bastariam. Dessa forma, o círculo e a esfera estariam para o animal assim como o anel para o sujeito do inconsciente:

“Essa estrutura é diferente da espacialização da esfera ou da circunferência na qual alguns se comprazem em esquematizar os limites do ser vivo e de seu meio: responde melhor a esse grupo relacional o que a lógica simbólica designa topologicamente de anel.” (Lacan, apud Miller, 1987 [1980], p. 81)

Um esquematismo segundo o plano e a esfera seriam suficientes para o animal, uma vez que se pode dizer que ele está em posição concêntrica em relação ao seu meio ambiente, que ele se ajusta perfeitamente ao último. Porém, no que se refere ao sujeito as coisas não acontecem assim. O campo psicanalítico está para outras relações que não as do campo psicológico que, tal como nos aponta Lacan em 1960: “(...) é o conjunto das relações do organismo e do meio.”

#### 1.3.2 Topologia do significante.

Diante tudo o que foi dito, fica evidente que o inconsciente põe em questão problemas topológicos e que a tese de Lacan de que *o inconsciente está estruturado como uma linguagem* nos conduz ao significante. Recorrer à estrutura da linguagem nos parece justificado desde quando ela nos mostra que a língua só se sustenta a partir de um jogo de lugares e diferenças.

A topologia aborda o espaço desde um ponto de vista que não é quantitativo ou métrico. Ela é qualitativa, ou seja, estuda a relação entre diferentes lugares, relações de vizinhança, de continuidade, de fronteira, de separação e de borda. Noções que se impõem paralelas à ideia de estrutura, presentes tanto na psicanálise como na topologia e na lingüística, o que faz mais do que justificado sua assunção.

### 1.3.3 Os dois capítulos da topologia de Lacan.

A topologia de Lacan é feita de dois capítulos bastante heterogêneos, ainda que tenham alguns pontos de contato. Cada um deles responde a problemas da teoria que não são exatamente os mesmos.

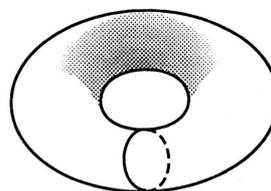
#### 1.3.3.1 Os objetos.

Há quatro objetos. Eles se inserem numa topologia que está no domínio da geometria que não a algébrica e das quatro superfícies desta disciplina que se chama classicamente *Análisis Situs*.

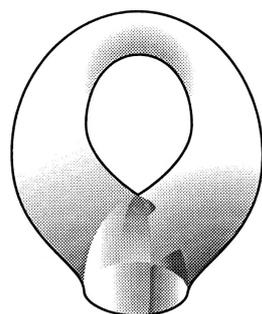
Tratam-se da Banda de Moebius, do Toro, da Garrafa de Klein e do Cross-cap.



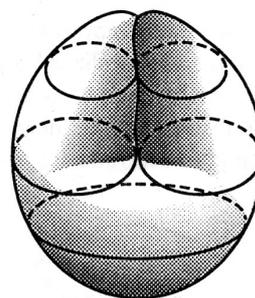
Banda de Moebius



Toro



Garrafa De Klein

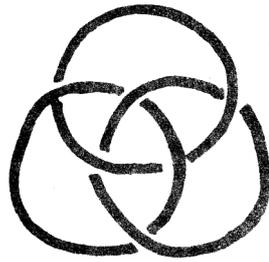


Cross-cap

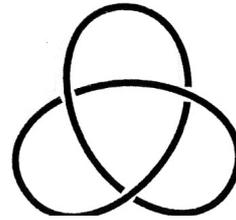
Fig. 1

#### 1.3.3.2 Os nós.

Em um segundo momento, como um segundo capítulo do ensino de Lacan, estão os *nós* e, mais precisamente, o Nó Borromeano.



Nó Borromeano



Nó de Trébol

Fig. 2

Capítulo de seu ensino muito mais complexo e recente, apoiado em uma matemática não acabada, diferente da anterior, o Nó Borromeano foi introduzido no seminário *Mais, ainda*, 1972-1973, que se transformou no seminário *R.S.I.*, dos anos 1975-1976.

Dessa forma, “existe uma distinção entre a primeira e a segunda vertente da topologia de Lacan, entre a topologia dos objetos e a topologia do nó borromeano.” (Miller, 1987 [1980], p. 85)

### Referências bibliográficas

GOLDGRUB, F. W. A máquina do fantasma: aquisição de linguagem & constituição do sujeito. Piracicaba: Editora Unimep, 2001.

FREUD, S. (1913). O interesse científico da psicanálise. Rio de Janeiro: ESB, Imago, vol. XIII, 1990.

LACAN, J. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

MILLER, J. A. Matemas I. Buenos Aires: Ediciones Manantial S.R.L., 1987.

\_\_\_\_\_ Matemas II.- 2<sup>a</sup>. Ed 4<sup>a</sup>. reimp. .-Buenos Aires: Manatial, 2008.

NASIO, J.D. Topologería. Introducción a La topologia de Jacques Lacan. Buenos Aires: Amorrortu, 2007.